

comunicação entre as elites extraterritoriais, cada vez mais globais, e o restante da população, cada vez mais localizada", é uma das principais causas do surgimento de tendências neotribais, fundamentalistas e etnofóbicas e também da nova hierarquia e estratificação social que tem na mobilidade o seu fator mais poderoso e cobiçado. Entretanto, nunca é demais ressaltar que esta mobilidade, isto é, liberdade de movimento e ausência de restrição espacial, como já nos falava o filósofo inglês John Locke com bastante clareza, é determinada de forma visceral pela propriedade ou, no mínimo, pelo controle sobre esta.

Outro aspecto importante discutido pelo autor neste livro diz respeito à criação de uma "*classe de proprietários ausentes*", isto é, empresas extraterritoriais que possuem uma total independência e não têm nenhuma responsabilidade em relação aos poderes locais das territorialidades onde as mesmas estão instaladas ou pretendem se instalar. Esta assimetria de poder tem trazido para as empresas um amplo raio de manobra, que se estende desde a possibilidade de flexibilizar as relações de trabalho e de produção sem maiores dificuldades e conflito até a total desinstalação da unidade produtiva caso seus interesses não sejam atendidos. Por outro lado, as conseqüências dessa maior liberdade do capital frente ao trabalho têm também solapado os mecanismos e instrumentos governamentais, principalmente os relativos à determinação da política econômica, fato que tem suscitado muitas discussões sobre o atual papel e força do Estado-Nação. Nesta parte do desenvolvimento de suas idéias, Bauman pode chegar a chocar aqueles

que acreditam que o Estado é por natureza uma instituição que tem por finalidade arbitrar o conflito social em busca de alcançar o bem comum. Isso porque este autor deixa claro que a instituição 'Estado' é uma forma ou instrumento específico de dominação de uma parcela da sociedade sobre o seu conjunto e que, no atual estágio no qual nos encontramos, esta instituição foi amputada de algumas de suas características definidoras - justamente porque estas já não mais servem aos interesses das classes possuidoras -, como por exemplo, a noção de soberania.

Portanto, este pequeno livro de Sygmunt Bauman diseca o processo de globalização em todas as suas manifestações: sociais, políticas, econômicas e culturais. Não traz nenhuma solução, mas isto não é de sua intenção e acreditamos que não é este o nosso papel enquanto Cientistas Sociais. Enfim, o livro retira o véu que encobre e torna opaca a realidade, que ora se apresenta de forma geral, externa e coercitiva, para que assim possamos encarar as forças reais que estão configurando e dando movimento ao mundo neste momento histórico-social.

Edvaldo Carvalho Alves
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos

IMAGÉTICAS MULTIDISCIPLINARES

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.). *Imagem e memória: ensaios de antropologia visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

O foco dos estudos das Ciências Sociais é o simbolizado pelo homem e

não o próprio homem. Assim enuncia Michel Foucault como um alerta para os novos arqueólogos do social.

Nos acontecimentos do curto século 20 se delineia este mundo de signos, num período bem mais imagético do que histórico. É neste caldo primevo de imagens que o antropólogo Koury lança seu olhar a partir de pesquisas, algumas destas já concretizadas nos livros *Usos e imagens nas ciências sociais* (1997) e *Imagem e ciências sociais* (1998). No presente volume, o professor Koury se alia a pesquisadores de peso como Miriam L. Moreira Leite, o americano Jay Ruby, o professor Ariosvaldo Diniz, entre outros de igual importância.

Para Ítalo Calvino, ler significa aproximar-se de algo que acaba de ganhar existência. A partir deste mote, os sentidos da paixão pela coisa vista e criada guiam o leitor neste livro de ensaios construídos com a magia das imagens do tempo. As temporalidades das imagens em territórios da memória, do luto, do medo e da ficção são tópicos do inventário de fatos no livro narrados.

As Ciências Sociais que se esvaziam de sentidos nas metanarrativas do século XIX, remontam seus objetos investigando novos campos do saber. Imagem é memória e memória é compartilhamento das condições sociais no tempo e espaço. As Ciências Sociais, guiadas pela antropologia de Gilbert Durand, Georg Simmel, Gilberto Velho, pelos arautos da Nova História, abrem-se a uma inovação metodológica cuja base é eminentemente interdisciplinar. Os processos sociais, os estigmas, a organização do cotidiano já não se perdem nas falas daqueles que já morreram, vez que se cristalizam na

prata dos daguerreótipos, nas películas de Lumière ou nas digitalizações que dão formato ao nosso mundo atual.

As imagens refletem também um processo de territorialização próprio. O narrado pelos sujeitos em forma iconográfica é a forma de compor o mundo num contexto de longa duração que percorre o texto de Ana Luiza Rocha e Cornelia Eckert, a partir de um debate entre as teses de Henri Bergson e a fenomenologia da imaginação de Gaston Bachelard.

Num estudo sobre representação da morte na fotografia, Miriam L. M. Leite busca em Marcel Proust elementos da criação, recriação e esquecimento na sua obra *Em busca do tempo perdido*. Num exercício maravilhoso de enxergar na literatura elementos para uma arqueologia das imagens, a autora trabalha com a "grafia da luz" para reconstituir as memórias. O tempo da fotografia e o tempo cronológico são os aportes teóricos que Miriam toma na leitura de Proust.

Fotografar a morte e os rituais de morrer são os termos-chave do texto do professor Mauro Koury, a partir de uma investigação única no campo da Antropologia Visual apoiada num levantamento nacional sobre os rituais de morte e o morrer no cenário urbano brasileiro. Numa construção teórica aos moldes da Sociologia Histórica, o autor monta o quadro do imaginário simbólico sobre a morte e seus rituais a partir dos relatos de como as fotos dos mortos eram montadas. O modelo de composição da foto seria, portanto, um constituinte da sociedade brasileira no período estudado. Recorrências como a boa morte, a morte em paz, a passagem tranqüila, o dormir e a inocência registram a

formação familiar, suas emoções e estrutura. As hierarquias do poder, a posição do morto fotografado nos diversos estratos sociais e as mudanças no ato de registrar o luto correspondem a um novo modelo de sociedade a qual passa a reproduzir a vida familiar em eventos que negam a morte e "higienizam" a vida. Faz, Koury, assim, uma arqueologia da família brasileira a partir das imagens de luto num ensaio dos mais arrojados.

Persegue as imagens de luto nos Estados Unidos o professor Jay Ruby. Trata-se de um ensaio ilustrado por fotos de moribundos através das quais busca o autor uma explicação de ordem psicológica para tais ações.

O professor Ariosvaldo Diniz traduz no seu riquíssimo ensaio o significado do imaginário da cólera no século 19. O efeito Nova História toma Ariosvaldo que, tão bem quanto Jacques Le Goff e Georges Duby, reconstrói a história do medo a partir do imaginário da cólera no Brasil. A imagem é antes de tudo um fenômeno especular a qual projeta o real via processos de identificação. Neste esteio, a cólera é vista de forma arquetípica nas imagens da peste e das pragas da história do homem. O corpo colérico degradado, as associações da cólera às imagens do mal, os processos de suplício são os recortes que o autor lança mão para montar o imaginário do medo da peste no Brasil do século XIX. Numa profusão de imagens, a doença foi socialmente construída, ora retratando a sociedade como caos, ora a ordenando face às novas atitudes diante do medo da morte.

Clarice E. Peixoto e Marc Henri Piault escrevem dois artigos sobre o uso das imagens na antropologia. O primeiro descreve seqüências de filmes etnográficos e sua interpretação

da memória do cotidiano. O segundo analisa roteiros de filmes nos quais se embatem o real e o ficcional e seus corte que enfatizam, dissimulam ou mascaram os acontecimentos.

O gosto da leitura deste livro é uma suspeita agradável aos olhos do leitor: a Antropologia Visual rasga as disciplinas fechadas das narrativas sem sujeito, sem autor, revelando com suas artes imagéticas uma colcha de retalhos de fina costura. Li e me delicieei.

Adriano de León

Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba (Campus I - João Pessoa)

DEGRADAÇÃO, REGULAÇÃO E REALISMO UTÓPICO¹

SANTOS, Boaventura de Souza. *A crítica da razão indolente: contra do desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

Este livro é fruto do trabalho de vários anos, em um processo de aprofundamento e modificações das preocupações apresentadas em seus trabalhos anteriores - *Um discurso sobre as ciências* (1987); *Introdução a uma ciência pós-moderna* (1989); *Pela mão de Alice* (1994) e *Reinventar a democracia* (1998). É importante registrar que

¹ O livro a que se refere esta resenha é o primeiro volume de uma coletânea que tem como plano geral: Volume 1 - *A crítica da razão indolente*; Volume 2 - *O direito da rua: ordem e desordem nas sociedades subalternas*; Volume 3 - *Os trabalhos e Atlas: regulamentação e emancipação em Redópolis* e o Volume 4 - *O milênio órfão: para um futuro da cultura política*.